



## **GE 1: ARTE, CULTURA E INFÂNCIA**

### **ENCONTRO PEDAGÓGICO COM A AÇÃO DE DESENHAR NA INFÂNCIA**

**Lissa Silva Carvalho**

**Sandra Regina Simonis Richter**

Para pensar o encontro entre adultos e crianças com a ação de desenhar, o estudo parte da constatação de prevalecerem no cotidiano escolar atividades com desenhos prontos, propostas simplificadas e simplificadoras diante da capacidade de crianças pequenas e crianças especiais produzirem sentidos desenhando. Afirmando a criança capaz, produtora de sentidos na convivência com outras crianças e adultos, a concepção de infância como tempo dos começos, a ideia de educação como convivência e resistindo a concepção escolar de querer ensinar o desenho. Tendo como interesse pesquisar o processo de aprender a desenhar para compreender que ação é essa que não precisa ser ensinada, porém cada criança tem que aprender. Problematizando qual concepção pedagógica que sustenta a ideia de pré-ver a ação de desenhar através de desenhos prontos e como sustentar a importância da ação pedagógica que considera o encontro com adultos e crianças. Para a realização dessa pesquisa utilizou-se as importantes contribuições de Derdyk e Richter em relação a desenhar na infância. Com Kohan foi possível compreender a concepção de infância como tempo dos começos. As reflexões de Richter e Berle proporcionaram para esse estudo pensar a ideia de educação como modo de conviver, através do encontro entre adultos e crianças, entre modos de pensar e sentir em tempos diferentes. Como metodologia desse estudo utilizou-se de uma pesquisa de características qualitativas através de fontes bibliográficas perseguindo uma reflexão em torno da ação de desenhar. Também foram construídas fichas de leitura para sintetizar e

compreender melhor o que os autores pesquisados abordavam. Para a complementação dessa pesquisa houve participações durante o semestre em uma disciplina do curso de pedagogia que trata de arte e infância e nos grupos de pesquisa do mestrado em educação. Como resultados obteve-se as ideias de conhecimento como conteúdo, algo somente mental, como se o corpo não pensasse, que o desenho está apenas na mente, que é um conceito pronto. A ideia de educação como convivência, infância como tempo dos começos e a capacidade de brincar com os traços. A criança aprende a desenhar sem precisar ser ensinada o que desenhar e sim de como experimenta espaços, tempos, materiais e instrumentos que utiliza para brincar com linhas e traços.

**Palavras-chave:** Desenho, Infância, Educação Infantil.

## **PROCESSOS EDUCATIVOS HISTÓRICOS: DA MENORIDADE DA INFÂNCIA MEDIEVAL À MAIORIDADE CONTEMPORÂNEA**

**Luciano Jaeger**

**Fernanda Aparecida De Mello**

Introdução: o tema a educação está inserido em processos históricos, quer seja no plano de métodos, teorias, ideias e autores, quer seja na concepção daquilo que se denomina infância. Nesse sentido, este trabalho não visa apresentar um conjunto de sínteses narrativas sobre a história da educação, o que Junior (2006) chama de literatura pedagógica, mas, sim mencionar e problematizar filosoficamente a literatura científica da educação e a infância. Objetiva-se problematizar como realizamos a passagem da minoridade para a maioridade do pensar. Para Kant significa a criança sair da condição de seguir as suas paixões naturais. Muito já se produziu sobre a História da Educação brasileira, de Saviani (1977) às perspectivas recentes de Kellner (2001) que sinalizam uma cultura da mídia e educação sob a ótica crítica que merece muita atenção, visto que boa parte das crianças nascidas neste milênio nunca conheceram algo sem a internet, celulares e a televisão. No Brasil, a Educação e Infância são legados tanto medievo, quanto moderno, pois herdamos o sincretismo religioso maniqueísta medieval e fomos marcados pelos ideais e leis da modernidade considerados indubitáveis para erigir tanto a ciência, quanto a civilização. Metodologia: pesquisa bibliográfica de pensadores, historiadores e comentadores da Educação Brasileira. Principais Resultados: A infância não é constituída a partir de um ciclo de vida determinado pelos anos. A tese kantiana de maioridade não foi alcançada na Educação. Conclusões: a pós-modernidade, termo cunhado

pelos filósofos Lyotard e Baudrillard não busca padronização, embora a mantenha. Muitas escolas se autodenominam inovadoras, com suas tecnologias, seus costumes e interação social, o que é chamado por muitos de maioria contemporânea. No entanto, a infância no Brasil continua pautada por um modelo assistencialista, distanciada da formação reflexiva e de uma efetiva maioria.

**Palavras-chave:** Infância, Educação, Modernidade.

## REFERÊNCIAS

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 31 ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

KELLNER, Douglas. **Cultura da Mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

JUNIOR, P. G. **A história da Educação é Sinônimo de Fracasso**. Blog Hora da Coruja, Jul. 2006.

## A EDUCAÇÃO DA MÚSICA NO CONTEXTO DO PROBLEMA CONTEMPORÂNEO DA CULTURA

**Danton Guilherme Oestreich**

A presença da música na sala de aula voltou a ser um tema constante para a educação desde 2008, quando a Lei Federal 11.769 foi implementada, tornando o seu ensino obrigatório na educação básica do país. Uma contribuição que a matéria fornece é propiciar o exercício crítico para com a pluralidade da expressão humana, trazendo ao indivíduo o desenvolvimento de suas faculdades estética, imaginativa e ética. Não obstante se aceite o lema de ordem aceitação à pluralidade para a condução das práticas educativas voltadas à formação do senso crítico do indivíduo, é preciso reconhecer que vivemos um período complexo de reorganização das perspectivas tradicionais da sociedade, de modo que conceitos como arte e cultura não permitam apropriações ingênuas por assumirem um desafio tão limítrofe na caracterização da identidade na educação contemporânea. O que isto indica é que, previamente a qualquer prática de formação do senso crítico, a elucidação do que compõe a discussão da cultura ou seja, do problema vigente que se levanta com o termo dentro do nosso cenário histórico se faz necessária, pois a obstrução de uma objetividade para com a questão implicaria na impossibilidade de qualquer propósito claro do seu fim. Propõe-se, justamente, elucidar o momento histórico que a palavra cultura cumpre, visando inserir a música em seu

contexto. Será também oportuno, neste percurso, comparar a presente situação com os relatos de Platão e Aristóteles, primeiros registros na história em que a formação musical cumpriu um papel fundamental na educação. Este estudo se propõe, assim, a contribuir para a elucidação da tarefa educativa do professor na educação da música.

**Palavras-chave:** Educação, Música, Cultura.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. Lisboa: Vega Editora, 1998.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

HAMPSHIRE, Stuart. **Fallacies in Moral Philosophy**. *Mind*, vol. 58, no. 232, 1949, p. 466-482.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

PLATÃO. **A República**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Música na escola: aspectos históricos da legislação nacional e perspectivas atuais a partir da Lei 11.769/2008. **Revista da Abem**, vol.20, n.29, p. 23-38, jul.-dez. 2012.

SOBREIRA, Sílvia G. Reflexões sobre a obrigatoriedade da música nas escolas públicas. **Revista da Abem**, vol.16, n.20, p. 45-52, set. 2008.

## IMAGINAÇÃO POÉTICA E INFÂNCIA: TEMPO DE ADMIRAÇÃO NA CRECHE

**Beatran Hinterholz**

Apresento uma interlocução filosófica entre as fenomenologias de Gaston Bachelard e Hannah Arendt para destacar a íntima relação entre imaginação poética e mundanidade do barro no cotidiano da creche. Com a intenção de aproximar educação infantil e filosofia, proponho um percurso fenomenológico para descrever, refletir e interpretar a complexidade do encontro entre adultos e crianças de um e dois anos em uma creche do sistema municipal de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. O estudo foi desencadeado tanto pela convivência dos adultos com as crianças e os fazeres com o barro na creche, quanto pelo processo de interpretação dos registros fotográficos do vivido. A imaginação na obra bachelardiana rompe com hábitos de pensamento por negá-la como ideia, percepção e representação da realidade. A imaginação poética afirma o corpo no mundo e exige considerar

a abordagem de mundanidade em Hannah Arendt, na qual o mundo é o que os humanos têm em comum, o artefato humano. Discutir e refletir o sentido dos fazeres com o barro, a terra, a argila e a água como matérias fundantes da imaginação poética requer também considerar outros modos e tempos de estar no mundo comum. Tempo festivo, de admiração para pensarmos numa presença com a intimidade dos instantes vividos. Instantes no qual o corpo insiste por ser um encontro sensual com a materialidade terrestre. Este encontro emerge como algo que mobiliza o pensar, a admiração de ser. A pesquisa pode contribuir para romper com a lógica escolar apenas sustentada no ensino de um mundo prévio e provoca refletir modos de aprender uma docência que possa prestar mais atenção ao intenso desejo e curiosidade dos bebês e das crianças pequenas em investigar, produzir, criar e transformar diferentes saberes. Já que na alegria de desacelerar o tempo temos a potência de constituir imagens pelo vivido com as materialidades (terra, argila, barro e água), e deste modo invertemos a corrente pedagógica no qual não é possível desenvolver e construir atividades para a criança, mas experiências poéticas que desafiam sentidos e produzam imagens com ela, pois a experiência é simultaneamente dela, com outros, as coisas e o mundo.

**Palavras-chave:** Barro e argila, Imaginação poética, Tempo, Creche, Docência.

## **RETRATO NARRADO: GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Katiúcia Pletiskaitz**

**Sueli Salva**

Este trabalho surge das reflexões empreendidas a partir da participação das professoras da educação infantil de escolas públicas da região central nos encontros promovidos pelo Fórum Regional de Educação Infantil desenvolvido no ano de 2015 no município de Santa Maria/RS, compõe ainda a pesquisa que está em andamento denominada experiências e práticas pedagógicas na educação infantil que tem entre seus objetivos conhecer como são tratados os temas gênero e sexualidade no contexto das práticas da educação infantil. Nos sentimos provocadas a trazer a público as preocupações apresentadas pelas professoras que participaram do referido Fórum em relação ao tema, buscando fazer um exercício exploratório que caracteriza o momento da pesquisa, através de um retrato narrado. Esta reflexão tem como pretensão compreender as preocupações expressas pelas professoras em relação ao tema gênero e sexualidade na educação infantil durante os encontros. Considerando a complexidade do tema, diferentes estratégias foram utilizadas para desencadear a discussão e

para que as professoras pudessem expressar as suas preocupações. A partir da reflexão entende-se oportuno aprofundar os estudos através da pesquisa e assim fortalecer os subsídios que oportunizem às equipes docentes espaços de debate, reflexão, aprimoramento pedagógico e didático visto que tais subsídios podem refletir diretamente na qualidade da educação sobretudo pública e gratuita. A base teórica que sustenta a reflexão parte do pressuposto que a criança é um ser integral, dotado de corporeidade e como tal de sexualidade e que algumas manifestações fazem parte do processo de desenvolvimento. Autores como Felipe (2012), Louro, Schindhelm (2013), Melucci (2004) compõem o substrato teórico.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Gênero, Sexualidade.

## REFERÊNCIAS

BRAUNSTEIN, F.; PÉPIN, J. **O lugar do corpo na cultura ocidental**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

MELUCCI, Alberto. **O Jogo do Eu: A mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

SCHINDHELM, Virginia Georg. **Concepções e práticas dos educadores sobre sexualidade e gênero na educação infantil**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal Fluminense. 219f. Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2013.

## A EXPLORAÇÃO SONORO-MUSICAL COTIDIANA DOS BEBÊS EM BERÇÁRIO

**Aruna Noal Correa**

**Cláudia Ribeiro**

O presente resumo, na intenção de refletir acerca das possibilidades e descobertas de um brincar-musical cotidiano entre os bebês em berçário, expõe dados constituídos em pesquisa de doutorado, aliado às discussões atuais sobre a educação musical no Brasil. Nesse sentido, defende-se a tese de que os bebês produzem música, objetivando compreender os processos de exploração sonoro-musical cotidiana dos bebês de um berçário de creche pública, a partir dos pressupostos da pedagogia da creche italiana. Utilizou-se como embasamento teórico, os estudos de Loris Malaguzzi (1999), relacionado à pedagogia da creche italiana, Esther Beyer (2005) e Beatriz Ilari (2006) voltadas aos conhecimentos acerca da música para bebês no Brasil, dentre outros. Como elemento metodológico utilizou-se a pesquisa-intervenção, com base na produção processual dos dados, intercalando fases de observação e intervenção

(PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2009). Os dados, gerados por meio de filmagem, fotografias e diário de campo, produziram análises concomitantes à coleta dos dados, que evidenciaram que os bebês produzem música, e que, acima de tudo, as possibilidades sonoro-musicais construídas no cotidiano do berçário subsidiam novas descobertas sobre um brincar-musical por eles protagonizado. Acredita-se que possamos ampliar as discussões sobre a relação entre os bebês e a educação musical no país. Pretendendo-se contribuir com estudos sobre a produção de conhecimento musical pelos bebês, observando-os como protagonistas e produtores de cultura, dentre outras, musical.

**Palavras-chave:** Bebês, Educação musical, Pedagogia da creche italiana.

## REFERÊNCIAS

BEYER, Esther S. W. **Cante, bebê, que eu estou ouvindo:** do surgimento do balbucio musical. In: BEYER, Esther Org. O som e a criatividade: dimensões da experiência musical. Santa Maria: UFSM, 2005.

ILARI, Beatriz Senoi. **Em busca da mente musical.** Ensaio sobre os processos cognitivos em música da percepção à produção. Curitiba: UFPR, 2006.

MALAGUZZI, L. Ao contrário, as cem existem. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

## DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

**Débora Paz Menezes**

**Stéla Piccin**

**Sandra Simonis Richter**

O desafio de pensar a educação de crianças pequenas em espaços de vida coletiva é por nós enfrentado a partir de uma abordagem fenomenológica na qual a criança é concebida como corpo no mundo, corpo em constante movimento de aprendizagens, tomado pela capacidade da novidade, da ação de aprender a conviver no mundo. Nesse sentido, a educação infantil requer profissionais engajados em conceber a docência como ação de extrema sensibilidade e cuidado com o outro. Ação educativa em que adultos e crianças inventam mundos de

convivência na e pela linguagem. Em função disso, emerge a necessidade de estudar e refletir acerca da docência com crianças pequenas. Deste modo, este trabalho tem como objetivo descrever uma experiência entre uma escola de educação infantil e um grupo de pesquisa, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação-Mestrado e Doutorado, da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC. Uma iniciativa da escola com a intencionalidade de propor uma interlocução com a universidade, com a pesquisa em educação. A partir disso, o grupo de pesquisa organizou encontros quinzenais com a escola, nos quais foram suscitadas e problematizadas questões relativas a conceitos como infância, docência e educação. Espaço para escutar as experiências de pedagogas dispostas a repensar suas práticas e compartilhar seus saberes. Momentos que nos instigam, como pesquisadoras, a pensar acerca de como nossos estudos podem dialogar e contribuir com as ações das creches e das escolas de educação infantil. Experiências como essa reforçam a essencialidade de investigar como a docência com crianças pequenas vem sendo proposta, buscando defender uma ação com a perspectiva de aceitação para que esse outro que chega ao mundo possa encontrar no adulto confiança para se lançar na linguagem. Na docência é o outro quem apresenta a novidade. O outro que provoca o entusiasmo para o novo, visto que o que marca um encontro educativo, apesar e para além das intencionalidades necessárias ao planejamento, é a imprevisibilidade com que cada corpo interage com o mundo. Nas diversas dimensões da linguagem o humano vai constituindo sentidos e se transformando no ser-no-mundo-com-os-outros. Assim, O encontro entre as pedagogas e o grupo de pesquisadores, também, nós trouxe a novidade, pois fomos lançadas a dialogar e conhecer os sentidos que se reverberam na docência com crianças pequenas.

**Palavras-chave:** Educação, Infância, Docência.

## **PRINCÍPIOS E APRENDIZAGENS DA EDUCAÇÃO GUARANI: ESPIRITUALIDADE E MITOLOGIA**

**Leila Lopes da Fontoura  
Ana Luisa Teixeira de Menezes**

Apresento neste resumo o trabalho de pesquisa realizado no TCC, no curso de Pedagogia. Um trabalho representado por vivências, questionamentos e introspecção de valores Indígenas na busca de investigar a espiritualidade e relação com a educação Guarani. Através da metodologia bibliográfica tornou-se possível a compreensão do modo de vida dos Guaranis,



seus mitos e a ligação que possuem com a natureza, o respeito com os antepassados e as divindades. A partir das fontes bibliográficas e dos diálogos vividos com os Guaranis, ressalto o quanto o significado da espiritualidade para esses povos pode colaborar para uma reflexão da nossa educação e para os sentidos de nossas aprendizagens. Sensibilizar-se por um tema grandioso com pesquisadores renomados é uma tarefa desafiadora, sendo esse sentimento que me fez dar continuidade ao presente trabalho. Para os Guaranis não há uma religião de oferendas ou sacrifícios, mas sim, uma espiritualidade vivenciada através da fumaça do cachimbo, da dança, do convívio com os seres da mata, dos vegetais como o milho que é considerado sagrado entre eles e da importância do mito do fogo e dos gêmeos nessa cultura. Quando há a participação efetiva, se torna mais prazeroso um trabalho de pesquisa bibliográfica como este, que ao longo do semestre desenvolveu-se com a participação das crianças e da comunidade acadêmica através de seminários e palestras. Percebo quão importante é estabelecer esses vínculos, para que possa haver um entendimento maior sobre a cultura Guarani.

**Palavras-chave:** Guarani, Educação, Espiritualidade, Mitos, Dança.

## REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, M. A.; ZEN, M. I. H. D.; XAVIER, M. L. M (Org.). **Povos indígenas & educação**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

CHAMORRO, Graciela. **Terra Madura yvyaraguyje**: fundamento da palavra guarani. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

MENEZES, A. L. T.; BERGAMASCHI, M. A. **Educação ameríndia**: a dança e a escola Guarani. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL; HELFER, I.; SILVEIRA, R. A. T.; AGNES, C. **Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos**. 4. ed., rev. e ampl. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

## A LINGUAGEM COMO PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO DE JOVENS NUMA APRENDIZAGEM COMUNITÁRIA

**Leandro Oliveira**

Este trabalho é uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC. Trata sobre a relação entre educação musical e a deflagração da função

transcendente e da potência mandálica de jovens estudantes no contexto comunitário. Desenvolvido em um Centro Social da cidade de Porto Alegre, este espaço trabalha com centenas de jovens diariamente, fornece alimentação e desenvolve atividades educacionais como é o caso da oficina de música. Entendo que as necessidades atuais da sociedade brasileira, de igualdade e acesso aos serviços básicos de saúde, educação e moradia, faz com que estudos comunitários sejam cada vez mais necessários à comunidade em geral. Busco compreender a relação entre as transformações dos indivíduos, a aprendizagem de música no contexto comunitário e o processo transcendente e da potência mandálica dos jovens que participam da oficina através do método vivencial. As ações do indivíduo no mundo e como chegamos ao conhecimento estão baseadas nas emoções, na linguagem e nas relações com o outro. O aporte teórico e a metodologia está fundamentada na teoria da compreensão simbólica de C.G. Jung. A partir das noções de totalidade, consciente, inconsciente coletivo e pessoal, Jung propõe em sua teoria que o conhecimento decorre da possibilidade de acessar os conteúdos inconscientes, através dos símbolos. O método consiste na compreensão dos conteúdos inconscientes, através da amplificação e do processamento simbólico, tarefa esta, realizada pela consciência.

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**/CG. Jung; Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- PENNA, Eloisa M. D. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung** / Eloisa M.D. Penna. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2013.

## A ARTE NOS MUROS DA ESCOLA

**Ivan Jeferson Kappaun**

Considerando que a arte é uma forma de manifestação estética e de diálogo consigo mesmo - subjetivo -, propor a criação de projetos de pinturas murais na escola foi resultante de muitas

discussões e de aspirações com e dos alunos. A manifestação artística - seja por meio da linguagem gráfica, pictórica, musical, teatral, qual for - geralmente está envolta numa certa aura de misticismo. Nesse contexto, muitos alunos são levados a desconsiderarem e, por vezes, desprezarem suas próprias produções. A partir de tal constatação, criou-se a necessidade de elaborar um trabalho de desconstrução de tais verdades. Assim, por meio democrático de escolha de temáticas, turmas de 2º ao 9º Anos do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Santa Cruz do Sul foram convidadas a selecionar temas de acordo com as preferências de cada grupo. Uma vez eleita a temática, partiu-se para a elaboração de desenhos. Tal produção sempre foi encorajada pelo professor, de modo a compreender que cada produção sempre é única por ser impossível de reproduzi-la e de que cada um fez por si mesmo. Durante esta etapa, também foi proposto o objetivo de se criar um projeto que fosse uma construção de cada turma e não de um indivíduo específico. Depois, passou-se para a etapa de seleção de elementos dos desenhos produzidos. Para tal, os alunos foram estimulados a indicar o(s) elemento(s) que despertavam interesse em cada uma das produções. Por fim, em posse dos elementos eleitos pela turma, foi construído o projeto final destinado à pintura mural, contendo um elemento gráfico de cada aluno. Antes de iniciar o trabalho de pintura, foi desenvolvido um trabalho teórico de contextualização e definição da pintura mural, bem como orientações técnicas para que todos participassem da prática de desenhar e pintar nos muros. A proposta gerou resultados significativos, uma vez que envolveu praticamente todos os alunos da escola. Sobretudo, pode-se destacar uma mudança na percepção dos alunos em relação ao próprio trabalho, uma vez que muitos sentiram-se encorajados em produzir seus próprios desenhos, bem como explorar seu próprio grafismo. Em decorrência deste trabalho, ainda foi proposto a construção de esculturas com materiais recicláveis relacionadas ao tema e o projeto de pintura mural foi incorporado à dinâmica escolar, de modo que a escola receba anualmente novas formas e cores.

**Palavras-chave:** Pintura mural, Grafismo, Arte.

## **A (RE)PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS COMO INSTRUMENTO DE INCENTIVO À LEITURA**

**Bruna De Cássia Pereira Dos Santos**

**Daniele Machado Codevila**

**Mirieli Da Silva Fontoura**

Este trabalho visa relatar as experiências vivenciadas durante a (re)produção de histórias infantis realizada pelas alunas do terceiro ano do Curso Normal do Instituto Estadual de Educação Menna Barreto, da cidade de São Gabriel-RS. Essa atividade de produção textual vem sendo desenvolvida desde o ano de 2014 como parte integrante do projeto (RE)LEITURAS: novas perspectivas metodológicas de incentivo à leitura, realizado de forma interdisciplinar nas disciplinas de literatura e língua portuguesa durante os três anos do Curso Normal desde 2013. Tendo em vista o aparato teórico e o processo reflexivo estimulado durante os dois primeiros anos do referido Curso, essa etapa dedicou-se à criação de histórias infantis adequadas ao contexto atual no intuito de abordar os temas transversais e os valores necessários à formação de um sujeito crítico e ciente do seu papel enquanto ser social. Dessa forma, após análise crítica dos contos que até hoje permeiam o imaginário infantil e fazem parte do cotidiano das crianças e, com base no suporte teórico de Dionísio (2003), Freire (1994), Kleiman (1999), Koch (2002) e PCNs, foi possível elencar os temas que serviriam como pano de fundo para as histórias a serem criadas. Posteriormente, selecionou-se os gêneros literários a serem produzidos: fábulas e contos de fadas. Esse processo teve início com a turma dividida em duplas, cada uma com um tema motivador para nortear a produção textual. Concluídas as produções, passou-se à confecção dos livros infantis. Nessa etapa, a turma dividiu-se em dois grandes grupos o das fábulas e o dos contos de fadas e selecionou os recursos imagéticos e estéticos a serem usados como meios para estimular a curiosidade do público-alvo a ser atingido: os alunos de Educação Infantil e anos iniciais de nossa escola. A partir disso, realizou-se Hora do Conto com o auxílio de outros recursos para contar suas próprias histórias nas salas de aula. A culminância de tal projeto ocorreu através da encenação de uma história de cada gênero durante a semana da criança, no mês de outubro. Os livros confeccionados ficaram disponíveis no acervo pedagógico da Sala de Estágio e serviram de exemplo e estímulo para as produções posteriores.

**Palavras-chave:** Produção textual, Incentivo à leitura, Encenação teatral.

## LINGUAGEM TEATRAL NA EDUCAÇÃO

**Rodrigo Martins Ruiz**

O presente relato refere-se a uma prática metodológica aplicada em um eixo temático das aulas de Linguagem Teatral na Educação no curso de Pedagogia PARFOR/UNISC. O Programa fomenta a oferta em cursos de Licenciatura para docentes em exercício na rede

pública da educação básica que não tenham formação superior ou que mesmo tendo essa formação se disponham a realizar curso de licenciatura na disciplina em que atua em sala de aula. A motivação para a proposta surgiu do desafio de encontrar uma metodologia que aproximasse os interesses das educadoras com os objetivos da disciplina. Desse modo, a realização da atividade, ainda que individual e a distância, pode ser socializada por meio do ambiente virtual, contribuindo para a ampliação da experiência pessoal com o contato do processo criativo das colegas. Os ambientes virtuais de aprendizagem, pela não linearidade que oferecem, trazem novas relações com o conhecimento, com o tempo, com a memória social. A atividade ocorreu em vários momentos. No primeiro, foram realizadas leituras e viu-se vídeos de Teatro de Formas Animadas, em que a marionete, enquanto linguagem, pertence. Após, discutiu-se o cronograma, os critérios de avaliação e o detalhamento das etapas. A atividade consistiu na confecção de uma marionete com o material e características de manipulação a livre escolha, envolvendo etapas presenciais e a distância, que perfizeram 30 horas de atividades extraclasse. As educadoras postaram no ambiente virtual da disciplina, imagens representativas do seu processo de criação, memorial descritivo dos materiais e técnicas envolvidas na confecção e biografia original para sua marionete. Após, presencialmente, deu-se a apresentação da marionete, articulando a biografia criada, motivações e explicação dos materiais/técnicas envolvidas em sua construção e as possibilidades de manipulação. A seguir, elaborou-se em grupo um roteiro a partir dos aspectos do relato individual formalizados num esquete apresentado para os demais grupos. Conclui-se que ao integrar-se as modalidades de educação presencial e a distância na atividade com vistas a priorizar-se o processo frente o resultado, foi possível ser fiel ao propósito de criar vivências maior característica do ensino que se utiliza da arte como ferramenta assim como ampliar o conhecimento, enfraquecendo as dicotomias teoria/prática, educação presencial/educação a distância.

**Palavras-chave:** Arte-educação, Teatro, Linguagem teatral, Metodologia, EaD.

## **O PROTAGONISMO DO EDUCADOR NO PROCESSO DE INCENTIVO AO GOSTO PELA LEITURA: REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS**

**Daniele Machado Codevila**

**Bruna De Cássia Pereira Dos Santos**

**Mirieli Da Silva Fontoura**

Este texto tem por objetivo relatar experiências e os caminhos metodológicos percorridos junto aos estudantes do segundo ano do Curso Normal do Instituto Estadual de Educação Menna Barreto localizado no município de São Gabriel RS no decorrer do ano de 2015. Tais experiências referem-se a uma etapa do projeto intitulado: (RE)LEITURAS: novas perspectivas metodológicas de incentivo à leitura, o qual vem sendo realizado nas disciplinas de literatura e língua portuguesa durante os três anos do Curso Normal desde 2013. Neste processo de desenvolvimento, buscou-se refletir sobre a importância do educador no protagonismo de aguçar o gosto pela leitura e de instigar a imaginação e o senso crítico na construção do sujeito leitor da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para isto, proporcionou-se espaços para (re)criação de histórias da literatura infanto-juvenil representadas por meio do teatro como ferramenta de incentivo à leitura, com ênfase nos temas transversais e no resgate de valores indispensáveis na atualidade e essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, foram realizados os seguintes procedimentos: rodas de conversa e reflexões tendo em vista o respaldo teórico com base em Dionísio (2003), Freire (1994), Kleiman (1999), Koch (2002) e PCNs; escolha do gênero literário e seleção dos contos clássicos da literatura infantil a serem utilizados; construção dos roteiros das peças teatrais; ensaios, confecção e organização dos recursos necessários para as apresentações; encenação das histórias para os educandos da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental durante a Semana da Criança na escola citada e, por fim, análise prévia do trabalho desenvolvido pelos normalistas. Dessa forma, as técnicas para o incentivo ao gosto pela leitura incluíram desde reflexões e discussões acerca da temática abordada no referido projeto até a (re)leitura de obras clássicas da literatura infanto-juvenil, propiciando ao público-alvo a comparação crítica entre a história tradicional e as modificações feitas pelos estudantes do Curso Normal haja vista que tais adaptações foram ancoradas à contemporaneidade, ao universo infantil e ao cotidiano das crianças.

**Palavras-chave:** Gosto pela leitura, Temas transversais, (Re)Leituras.

## **REGISTRO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÃO E REFLEXÃO**

**Deili Rodrigues Rosa**

Este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência na gestão de uma escola de Educação Infantil, a partir de observações realizadas em uma Mostra Pedagógica. O evento, que ocorre

anualmente, é um espaço em que os docentes expõem registros das atividades. Durante esse processo foi possível identificar a simplicidade dos registros e a falta riqueza de detalhes, como, por exemplo, a ausência de fotos das propostas. Com base nessa experiência, fui inquietada a refletir acerca do papel do registro das atividades, pois o considero fundamental na prática docente porque é norteador do trabalho, auxilia na avaliação e acompanha o processo da aprendizagem da criança. Nesse sentido, minhas ações na gestão escolar tiveram como foco promover uma formação pedagógica na qual os docentes e monitores pudessem refletir acerca da importância do registro para qualificação do trabalho pedagógico, desenvolvido com as crianças. A formação contou com a participação de cinco funcionários (uma docente, duas monitoras e duas estagiárias) e foi pautada em três interrogações: O que é o registro escolar? Qual sua função? Qual sua compreensão acerca do que a escola procura com o registro? Na conversa inicial foi exposto que registro tem como finalidade gravar dados através da escrita, sendo uma ferramenta de trabalho para construção de banco de dados, avaliação dos pontos positivos e negativos e acompanhamento das crianças. Já em relação à escola, foi relato que os registros servem de apoio para toda a equipe, influenciando nos planejamentos da instituição, no aprimoramento e crescimento, de forma geral. Após essas primeiras reflexões, realizamos a leitura e discussão do texto Educando o olhar da observação e o registro e a reflexão do educador de Madalena Freire, na qual foi visível uma mudança das docentes em relação as perspectivas do registro. Além disso, pode-se destacar que as docentes passaram a problematizar de maneira mais densa a ação de registrar, procurando explicar uma observação com foco na criança e nos processos de aprendizagem, as brincadeiras e interações realizadas na escola. Sendo assim, posso afirmar que o registro das atividades pode se configurar com uma ferramenta de reflexão-ação-reflexão na educação infantil.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Registro escolar, Reflexão-ação-reflexão.

## REFERÊNCIAS

WEFFORT, Madalena Freire. et.al. Educando o olhar na observação. In: WEFFORT, Madalena Freire. et.al. **Observação, registro, reflexão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997

## **CRIANÇAS E SEUS COMEÇOS: DETALHES PEDAGÓGICOS DA CHEGADA**

**Márcia Vilma Murillo**

Buscando discutir e refletir acerca da chegada das crianças ao Ensino Fundamental, bem como a aceleração que estas tem sofrido em virtude de um encurtamento da infância em prol de uma alfabetização mercantil e pretenciosa, apresento, portanto, um breve histórico de quem é esta criança, sua(s) infância(s) contextualizando este período de transição que o Ensino Fundamental tem passado desde o ano de 2006 (Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 que ampliou o Ensino Fundamental para nove anos de duração, instituindo a matrícula de crianças de seis anos de idade na primeira série do novo nível de ensino) e suas implicações no cotidiano das crianças pequenas, recém chegadas da Educação Infantil, no Ensino Fundamental. Além de discutir questões pertinentes a esta entrada antecipada das crianças, hoje com 6 anos, emergindo assim, a necessidade de uma ampliação na discussão acerca desta ruptura drástica a que são submetidas, desta transição acelerada, precipitada e repentina que a criança vive, assim que deixa a Educação Infantil em busca da premissa básica do novo nível que está iniciando o Fundamental: aprender a ler e escrever. Baseado em estudos realizados em torno da criança e da infância, a partir da leitura em Gaston Bachelard de criança potente, plural em Walter Benjamin de criança colecionadora e Jorge Larrosa de experiência. Estes entrelaçamentos passaram a nortear o interesse de estudos como pedagoga ao apontarem para questões vivenciadas em meu cotidiano de professora de crianças pequenas. A interlocução e aproximação destes conceitos a um percurso de estudo, possibilitaram a ampliação das experiências e vivências cotidianas como professora dos Anos Iniciais, especificamente de uma turma de 1º ano. Reflexão e estudo este que possibilitaram a problematização cada vez maior acerca dos começos do humano no mundo, em momentos distintos ao longo de sua vida. Considerar que começar-se nas experiências mundanas é também a possibilidade de irromper tudo aquilo que está dado: a cada novo começar da criança nasce uma novidade. Para tanto, se coloca como desafio esta ampliação do debate, a respeito das possibilidades de articulação entre os diferentes níveis de ensino, sobre o desafio de pensarmos uma educação para a infância que não simplifique as experiências das mesmas e, por fim, que a escola Fundamental possa se tornar cada vez maior, plural e diversa.

**Palavras-chave:** Infância, Criança, Começos, Alfabetização, Experiências.



## **PRÁTICAS DO EDUCADOR MUSICAL EM ESPAÇOS FORMAIS E NÃO-FORMAIS**

**Roberto Kittel Pohlman**

Neste trabalho, proponho pensar as práticas do educador musical em espaços formais e não-formais de aprendizagem. Entendo por educador musical o docente que tem a tarefa de respeitar o passado e o futuro, mas que transforma o presente propondo começos musicais (BACHELARD, 1994, p.46), de maneira a ser o elo da tradição com a novidade musical, Mélich (2002). O espaço formal, compreendo como uma construção histórica, muito próxima a ideia de escola ocidental e suas características de sequência, currículo, entre outras hierarquias e burocracias um tanto rígidas, conforme Gadotti (2005). Por outro lado, os espaços não-formais tendem a ser menos hierárquicos e burocráticos e não seguem, necessariamente, uma sequência ou progressão (GADOTTI, 2005, p. 2). Opto pela abordagem da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, principalmente, como estratégia teórico-metodológica para a descrição e discussão das experiências vividas como educador musical em contextos de espaços formais e não-formais. De acordo com Merleau-Ponty (1991, p. 176), a ação de pensar não é possuir objetos de pensamento, é circunscrever através deles um domínio por pensar, que, portanto, ainda não pensamos. Assim, descrevo minhas experiências nos espaços mencionados, deixando que o fenômeno das práticas apareçam. Na descrição e reflexão de minhas práticas enquanto educador, entendo que a tradição da constituição dos espaços não permite total traslado entre as práticas adotadas em um ou outro. A exemplo, há a própria sala de aula dos espaços formais, organizadas de forma a tornar o educador centro da atenção, que por meio da palavra ou da escrita explicativa, ensina. Já os espaços não-formais contam com estrutura física mais informal, geralmente não escolares, de maneira que o educador se mistura ao grupo e sua tarefa é a de fazer junto.

**Palavras-chave:** Educador musical, Espaço formal, Espaço não-formal, Aprendizagem, Educação.

### **REFERÊNCIAS**

BACHELARD, Gaston. **Dialética da duração**. São Paulo: Ática. 1994.

GADOTTI, M. **A questão da Educação formal/não-formal**. Disponível em <[http://www.vdl.ufc.br/solar/aula\\_link/lquim/A\\_a\\_H/estrutura\\_pol\\_gest\\_educacional/aula\\_01/imagens/01/Educacao\\_Formal\\_Nao\\_Formal\\_2005.pdf](http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf)> Acesso em 02 de nov. de 2015.

MÈLICH, Joan-Carles. **Filosofia de la finitud**. Barcelona: Herder, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

## **ATELIÊ LITERÁRIO: A CRIAÇÃO PELO DEVANEIO**

**Rosiene Almeida Souza Haetinger**

Uma disciplina indisciplinada, pois que permite o devaneio: esse é a proposta do Ateliê Literário I, do curso de Pedagogia da Univates (Lajeado/RS). Em sua concepção, propõe a leitura e a fruição da poesia de Manoel de Barros associada à teoria da poética do devaneio do filósofo francês Gaston Bachelard. Tendo em vista que a disciplina é dirigida a alunos do curso de Pedagogia e que o tema por excelência de Manoel de Barros é a infância e suas memórias inventadas, o texto literário é explorado relacionando com o capítulo Os devaneios voltados para a infância, da obra A poética do devaneio, de Bachelard. Nesse sentido, para ser coerente com as concepções poéticas e teóricas, as propostas de aula são compostas de devaneios, sendo estes feitos: oralmente, a partir da leitura e da fruição de poemas de Manoel de Barros; por escrito, tendo como deflagradores alguns elementos da infância dos acadêmicos (brinquedos, fotos, etc), pois esse devaneio é um devaneio que se escreve ou que, pelo menos, se promete escrever (BACHELARD, 2006, p. 6); e de forma ilustrada, a partir do texto teórico de Bachelard. Sendo assim, a disciplina Ateliê literário I permite que o educando explore a imaginação que, na concepção bachelardiana, dá dinamismo às atividades do homem, atividade intelectual e atividade onírica, o homem enquanto pensador, o homem enquanto sonhador (BARBOSA, 1996, p. 17). Nessa perspectiva, o aluno se torna sujeito da sua subjetividade, explorando, ressignificando e, como diz Manoel de Barros e Bachelard, reinventando sua infância, já que o eu que sonha o devaneio descobre-se não poeta, mas eu poetizador (BACHELARD, 2006, p. 22). Além disso, a proposta de devaneio pictórico a partir de um texto teórico ressignifica a ideia rígida de teoria e propõe um novo olhar sobre ela, em que a imaginação e o devaneio estão envolvidos. Assim, proporciona-se aos alunos a articulação da educação com a arte e a literatura como possibilidades de criação e de produção de subjetividades, suscitando uma didática da invenção.

**Palavras-chave:** Ateliê literário, Poesia, Devaneio.